

O PANORAMA,

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCCÃO.

INTRODUCCÃO.

QUANDO o Panorama, no fim de sete annos, interrompeu a sua publicação, a falta da unica folha verdadeiramente popular, que possuíamos, foi lastimada pelos amigos das letras, e sentida por todos os seus numerosos leitores. O officio, que acceitára, e continuou com trabalho e constancia, tinha realisado o objecto principal, que se propuzera. Na hora mesmo, em que se retirava da imprensa, o gosto da leitura estava creado, e a saudade, com que geralmente o viram desapparecer, era a prova mais lisonjeira d'isso.

O resultado obtido em sete annos de duração cortou-lhe verde a palma, que pedira ao começar a obra. Em quanto a admiração repetia os nomes mais famosos da epocha, sepultados na obscuridade de aridas e assiduas fadigas, mineiros da civilisação nacional, os escriptores votados a este labor humilde, nas entranhas da terra, que revolviam, encontraram de certo o ouro, e os diamantes, de que enfeita o seu diadema a moderna poesia das nações; mas tiveram o valor de resistir á tentação, e virando-lhe o rosto passaram adiante. A sua empresa não era pôr a cupola, mas crescer com o alicerce do edificio. Ao tocar o ultimo instante da sua carreira, estavam cimentadas todas as pedras da construcção. A outros mais felizes o cinzel que tira do marmore as graças da arte grega, ou levanta a estatua de Moysés no templo da inspiração christã!

O jornal popular, creado pelo modelo dos mais acreditados nos reinos aonde florece a cultura intellectual, foi de certo o Panorama. Se o não dourou a gloria das folhas scientificas, que estendem o sceptro sobre a litteratura activa; se não caminhou, como ellas, na vanguarda da civilisação militante, é porque em Portugal, aonde tudo principiava, o ruido das grandes luctas, e o estrondo das armas, apenas se ouviam como echo de batalha longinqua em casal pequeno e solitario. Era preciso ensina-lo primeiro a andar por aquelle terreno, para depois o introduzir, sem sobresalto, no ajuntamento dos povos europeus confundidos na hora da fadiga. O erro dos que precederam o Panorama consistiu em julgar, que a medicina das nações fortes não repugnava á debil compleição de uma terra, que mal se podia dizer entrada na virilidade.

A imprensa instructiva, e accessivel a todas as fortunas e a todos os entendimentos, é um instrumento proprio para estimular os progressos em um paiz. O Panorama, distinguindo a differença que ha entre as publicações puramente litterarias, e o jornal d'esta especie, consagrou-se ao trabalho, não esteril, de escrever para o grande numero. Não foi o seu fim então, nem é hoje ainda, fazer a historia do estudo; cumpre-lhe só apresentar o seu resultado, resumido em breve quadro e popularmente. As altas questões sociaes, as polemicas de qualquer natureza, e o exame scientifico das materias d'interesse politico ou material, que occupam as columnas das grandes Re-

vistas, ou dos periodicos scientificos, não entram na sua esphera. O logar mais humilde, e a tarefa menos elevada, que acceitou, reduzem-no unicamente a preparar a estrada a estudos mais profundos.

Sete annos foi este o pensamento do Panorama. Fez intimo e familiar o tracto da sciencia, facilitando a todos o prazer mais barato e innocente de quantos ha. O agricultor, o homem publico, o artista e o commerciante, nas curtas horas de repouso de uma vida laboriosa, sempre o receberam como bemvindo. No continente e nas provincias do Archipelago da Madeira e dos Açores a acceitação, que o acolheu provou-lhe, que tinha seguido, sem se affastar, a vereda, que marcára.

A Inglaterra, a França, a Allemanha, e a Hespanha tão nossa vizinha, e desgraçadamente tão pouco conhecida aqui, exercem com proveito o sacerdocio de instruir com leituras apraziveis e variadas milhões d'homens, que furtam aos breves momentos de descanso o tempo necessario para refrigerar o espirito. N'aquelles paizes já se queixam de que as folhas e impressos, crescendo como as aguas d'uma alluvião, ameaçam invadir até os dominios da rigorosa sciencia. Entre nós, por infelicidade, a escacez sécca muita força latente, que se perde á falta de cultura. O maior serviço que se pôde prestar ao paiz é alimentar o fogo sagrado da instrucção; educar um povo dos mais aptos para aprender; fallar-lhe á alma e ao coração, leval-o pelos instinctos nobres, que adormecem, mas não morrem, despertal-o da somnolencia pela memoria das tradições passadas, e pela promessa do melhoramento, que o porvir promete á constancia e ao trabalho. Quem tomar sobre si esta obra acceitou uma grande missão, e pôde contar que se não ha de vêr só no meio da estrada.

O Panorama, quando se apresentou na imprensa, não teve outro fim, e agora irá prender de novo aonde quebrou o laço que o unia a esta modesta mas fecunda tarefa. Accommodado ao gosto de todos, o successo, que o multiplicou por um numero d'exemplares, de que não ha noticia em Portugal, abona a sua imparcialidade. A religião e a philosophia, os sabios e os indoutos viram n'elle o amigo da civilisação, e saudaram-no como auxiliar do progresso intellectual. Os espiritos serios e profundos, debaixo da ligeira fórma que vestia, apreciaram a intenção moral; os preguiçosos e leves, a principio, receberam-no como recreio, depois acceitaram-no como lição amena.

Jornal de todas as classes e de todos os partidos nenhuma porta se lhe fechou. Hoje a sua divisa é a mesma. O que nos reinos estrangeiros se alcança pelo amor da associação já educada, pelo progresso nascido e creado em muitas gerações, pelo impulso da auctoridade, e por habitos ha tempo arraigados, creou-se aqui espontaneo, quasi pela diligencia individual, caminhou muito em poucos annos, affagado pelo generoso instincto do povo, e pelo sincero louvor dos doutos. Deveu tudo ao povo e a si.

O Panorama espera ser amado de todas as cathedrias de que se compõe a sociedade, porque, como disse em um dos annos na abertura, a cada uma ha de ir buscar o que tiver de bom, honesto e proveitoso.

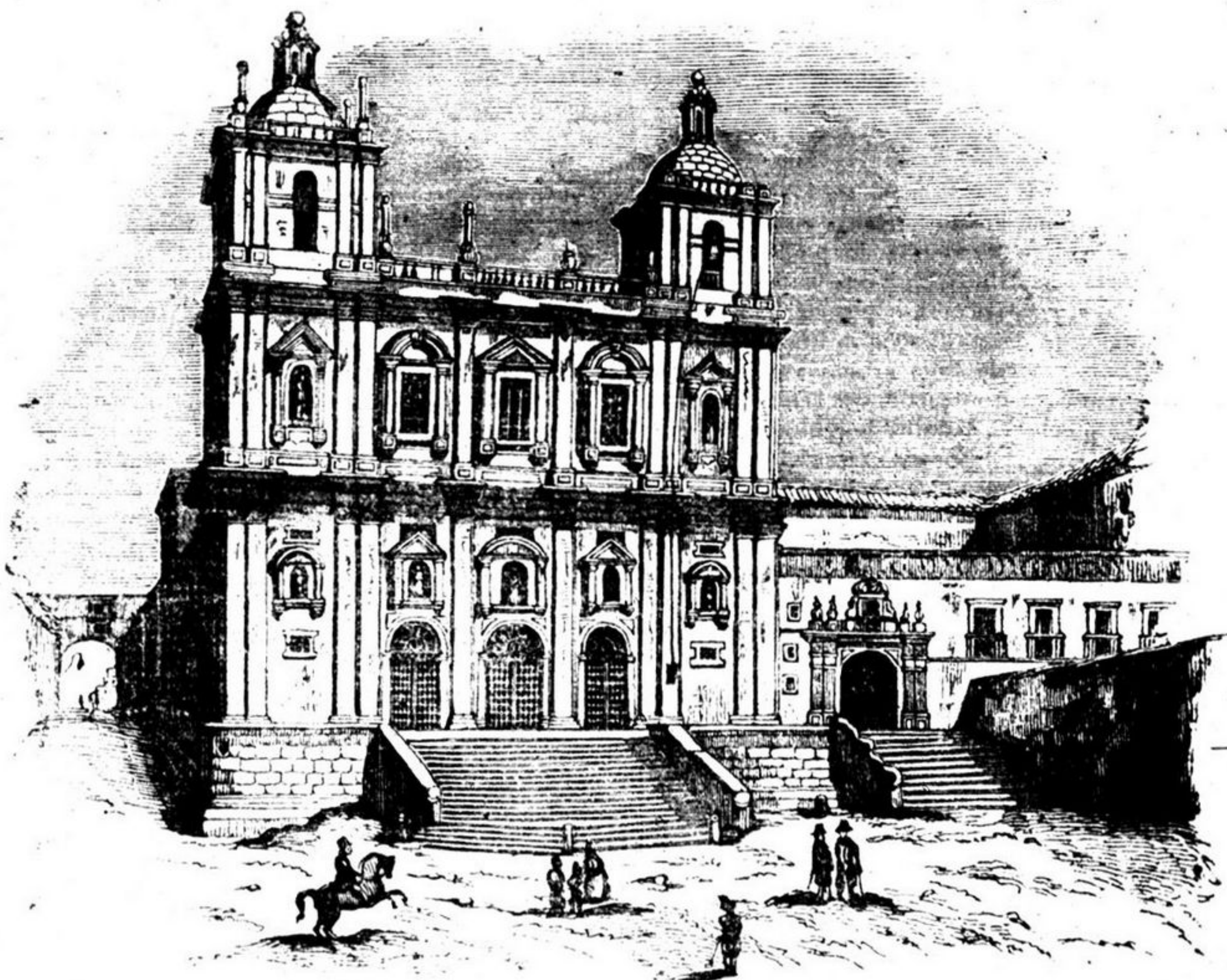
Ao Brazil deveu sempre amizade e estima. A desunião politica não diminuiu o interesse, que a lingua e as crenças estreitaram entre o vasto imperio além do Atlantico e o velho Portugal. Irmãos pela intelligencia, amigos por antigas ligações, e alliados pelo commum desejo de plantar a civilisação, o reciproco interesse, que os enlaça, revela-se na sollicitude com que se amam, e se comprehendem para auxiliar a renovação social. Como sempre costumou, o Panorama olhara para tudo o que pode ser agradável ou conveniente ao Brazil, como para cousa sua, dividindo entre os dous irmãos com imparcialidade o que a cada um d'elles cabe no glorioso testamento da monarchia que formaram.

Este jornal compor-se-ha, como d'antes, de tudo o que se julgar de prestimo em descobrimentos scientificos, em aperfeiçoamentos de industria, e nos inventos em artes, apar das novidades notaveis. Sem ser rigorosamente noticiador acompanhará o andamento do seculo em todos os seus aspectos. — A gravura em madeira, introduzida por elle, e tão adiantada hoje, continuará a adquirir maior perfeição ainda em mãos portuguezas. Na linguagem ha de observar-se desvelo constante para que saia limpa de locuções estrangeiras, repugnantes a sua indole vernacula, e igualmente purificada dos requieiros antiquadas de palavras e phrasas exoticas, e de periodos alatinados, que a desfeiam, soando mal na dieção corrente e clara, que tais obras requerem. Não esquecerão por ultimo

as noções de sciencias naturaes, e as das sciencias moraes, opportunamente disseminadas aqui e além, afim d'o vulgo dos leitores poder tomar d'ellas a necessaria tintura.

Seguindo este systema é que o Panorama arraigou a sua reputação, e promettendo persistir n'elle nada mais faz do que continuar na profissão litteraria em que sempre viveu. Para penetrar nas cidades e villas, alegrar a solidão dos campos, e chegar até os remotos cazaes das províncias, recreando as longas horas do inverno serão, não aprendeu nunca outro segredo. Para se tornar o hospede certo das diversas classes limitou-se a contar-lhes o que tinham sido seus paes; a mostrar-lhes, além do estreito recanto em que existem, o vasto espectaculo do mundo, as gentes e os costumes diferentes, os povos longinquos, e os usos estranhos; e a representar-lhes os seculos distantes e tão contrarios no character, ora fugindo na figura collossal de um homem notavel, ora revendo as feições n'um grande acontecimento, ou no drama de um facto interessante. O romance, a lenda, e a chronica retratarão com as côres da poesia nacional as maiores faganhas dos avós, de que descendemos.

A isto se reduzem as promessas, e para tão honrosa tarefa convergirão os esforços do Panorama. O benevolo acolhimento, que o distinguiu sempre, e espera merecer novamente, só lhe impõe de mais que na primeira vez a responsabilidade de não desdizer do passado, nem enganar o presente. Em breve o juizo publico dirá se o nome do jornal popular foi invocado em vão, ou se satisfez aos votos, que, tão lisonjeiramente para elle, o chamaram ao seu antigo posto na imprensa.



S. VICENTE DE FÓRA.

A RELIGIÃO de nossos avós foi sincera como o seu robusto coração nos tempos da lucta, em que o sangue do rei se misturava com o do ultimo cavalleiro, tingindo cada palmo de terra arrancado ao dominio arabe. — Vencidos, uniam ao peito a cruz da espada, para morrer no leito d'espinhos do martyrio; vencedores, os canticos, trasbordando pelas abobadas dos templos, iam exaltar o Senhor dos exercitos. — A cathedral e o mosteiro, levantados no lugar aonde a victoria pousára sobre as armas christãs, ou no sitio aonde os fortes dormiam o somno derradeiro, traduziam para o monumento a historia das monarchias, que se erguiam do sepulchro, e guiadas pelo entusiasmo começavam a caminhar para a nova epocha social.

O dedo do conquistador que a construia, gravava na frente da cathedral, d'esse livro de pedra, a breve inscripção de uma batalha, e de novo partia a embriagar-se no revolver das pelejas. A igreja, esposa afflicta, arrastára no desterro os pulsos róxos dos grilhões, até, como a chrisalyda, romper o carcere, e abraçar entre as rosas da esperança a primeira liberdade. O templo n'estes dias de combate era o hymno do christianismo triumphante. O sacerdote, depondo a cervilheira e a lança, muitas vezes architecto, vestia de mármore as aspirações que a alma elevava ao throno do Eterno. N'este periodo a arte da meia idade, fiel á inspiração, sentia profundamente, antes de lavrar a cinzel na pedra, o sacrario do seu culto. Aspera e incorrecta nos primeiros passos, respira, comtudo, o mais puro sentimento religioso. Obra de monges-militares, e de soldados-monges não trahiua nunca a sua origem. Em toda ella vive o espirito dos seculos guerreiros.

S. Vicente de Lisboa, de que hoje damos a estampa, nasceu d'esta intima alliança da idéa religiosa com o ardor militar, character distincto da arte christã em tres seculos da nossa historia.

Debruçado nas ameias de Santarem, rendida por surpresa, Affonso Henriques alargou os olhos para o horisonte, córado do sol nascente. Além estava Lisboa, sonho de sete annos, ardente voto de toda a sua vida de soldado. Tomada Santarem, tinha á cinta as chaves, que podiam abrir as portas á conquista; porém a sultana dos califas, reclinada á sombra dos frescos laranjaes, com o porto aberto ás armadas de Ceuta e a testa coroada de torres, não é captiva que ceda no conflicto de uma só noite. Desde essa madrugada o tempo que decorreu não fez senão amadurecer o plano. Deus marcou a ultima hora da filha do arabe, escrevendo no peito de D. Affonso a immutavel resolução de a engastar, como a mais rica joia, no diadema da nascente monarchia.

Ninguém ignora de que modo estreitada pelos homens do norte, e pelos antigos lidadores de Portugal, Lisboa, estorcendo-se nas ancias da fome, succumbiu mais a ellas do que á lança dos seus inimigos. Dois monumentos perpetuaram o terror da queda em todo o Islam; — a igreja dos Martyres e a de S. Vicente de fóra; a primeira, mais visinha da cidade, no cemiterio dos inglezes e francos; a segunda, além dos muros, no cemiterio dos teutonicos, futura urna cineraria de reis e principes. Foi o respeito christão pelos que tinham caído antes do dia da victoria quem collocou, nos dois recostos á direita e esquerda da bellicosa Lisboa, essas povoações de mortos, em testemunho de fé n'aquelle que na sua justiça mede a grandeza e a decadencia dos maiores imperios.

A primitiva construcção foi naturalmente tão simples como as mãos que a levantaram. Ermida estreita, em fórma rotunda, fechando o telhado em cupola; paredes de barro vermelho sobre escuro; cella de penitencia, aonde o cilicio, pungindo a carne, recor-

dava ao monge a brevidade da vida, apontando-lhe para além do tumulo, — tal devia ser o monumento de Affonso Henriques. Um antiquissimo quadro da Senhora dos Martyres, edificada no mesmo tempo, abona a conjectura. E que Lisboa ainda não era a orgulhosa cidade que, rompendo duas vezes o cincto de muralhas, cresceu pelo arrabalde, obrigando o Tejo a recuar diante de palacios de marmore. Ainda não descêra, como a Roma imperial, do cume dos montes a assentar-se em alcáçafas de uma quasi eterna primavera no regaço do patrio rio.

Correram os annos, e os seculos com elles. A corôa de Affonso Henriques da cabeça de D. Fernando assentou no elmo de D. João I, e retemperada no sangue mais nobre, no duelo entre o filho de Affonso V e a fidalguia portugueza, ornou-se com as espheras de D. Manuel, e fundiu-se na dissolução dos ultimos tempos de D. João III. Lisboa, que no principio se aninhava aos pés do seu alcacer, alargou-se para todos os lados, tornando-se a Cleopatra do occidente; prostituiu-se nos braços do delcete, desfazendo na taça dos banquetes as perolas de Ceilão; e cozendo em ouro a sua boa espada, sceptro da antiga monarchia. Lisboa, a namorada da briza que lhe ondêa o véu d'escuma e flores, Lisboa, que o velho oceano adormece embalando-a com o bramido das suas vagas, abriu as portas ao estrangeiro, e viu as suas bandeiras sujeitas aos leões de Castella, que a final ousaram cravar as garras nas quinas de D. Affonso.

Foi então que a sombria piedade de Philippe II se lembrou de erguer das ruinas a igreja de S. Vicente. Em lugar da estreita casa aonde primeiro se murmurou a oração dos mortos pela patria livre, levantou-se o pomposo edificio, construido no estylo romano, que tinha substituido já o gosto imaginoso dos architectos da Batalha, e a arte da renascença manuelina, não menos rica e phantastica. Os conegos regrantes de S. Agostinho, que desde a fundação da monarchia alli tinham visto florecer em sanctidade muitos varões insignes, nos espaçosos claustros da nova fabrica continuaram a cultivar as lettras e as virtudes, unico allivio dos tempos revoltos. A construcção moderna levou uns poucos de reinados para se concluir, e os copiosos documentos do archivo dos Vicentes abrigaram-se alli das repetidas convulsões por que atravessou o reino. Ultimamente passaram para a Torre do Tombo, aonde o investigador os poderá examinar, e restituir aqui e além algum dos factos da nossa historia, para a qual oxalá que se voltasse tanto talento consumido em menos uteis esforços.

O CASTELLO DE SANTA OLAIA.

Lenda do seculo XI.

(Fragmento.)

QUANDO na lucta com os arabes, alta noite, se rasgava o véu das trevas, e faiscando pelo negrume do céu, resplandecia no cimo das serras o fogo das almenaras (1); quando na torre d'atalaia, ao serpear do sulco luminoso, a sineta do vigia acordava os echos; quantas vezes, despertado pelo embate das armas, não sahiste do repouso, antigo castello de Santa Olaia, com o alfange do infiel quasi sobre o peito?

Então a trompa christã retumbava mais alto que os anafis mouriscos, coroando-se repentinamente o adarve (2) de cervilheiras (3) brunidas, de malhas lu-

(1) Almenaras eram signaes que se faziam com fogueiras nos logares altos, dando rebate de inimigos.

(2) Corredor largo, que circulava por detraz das ameias.

(3) Armadura defensiva da cabeça e lados do rosto, que descia como toalha a avelar-se no hombro.

zentes. — Com o arco retezado, como os frecheiros espreitam immoveis ás seteiras a hoste dos filhos do propheta, que desenrolada encosta abaixo se curva e se corta para trepar a ladeira aprumada!

Quantas vezes não deixaste crescer em meia lua o exercito musulmano, e avisinhar-se, lento, silencioso, pela calada da noite até em nó robusto te enlugar as torres, cuidando estoural-as no possante apertar dos collos? Era assim que folgavas com os dias perigosos. O raio dos engenhos partia, a lança dos fortes erguia-se, e, como a cholera de Deus, fulminavam o orgulho do agareno, desfeita a esperança de ver tremular nas ameias o estandarte de Cordova.

E hoje nem uma pedra para lembrar que exististe!

Largo tempo a hera e os abrolhos se enrolaram pelos fustes partidos das columnas, e do seio roto das abobadas pendieram em festões as plantas musgosas. As quadrellas gigantes rãgeram ao golpe embaçado do alvião, e as pedras aqui e além tombadas na encosta, ou espalhadas no valle, alvejaram de longe, semelhantes ás ossadas dos Titães vencidos.

Os seculos carcumiram o cimento dos muros, em pé desde que a aguia de Cesar, voando do Tibre, pousou as frescas margens do Mondego. Os homens, olhando com desprezo para o alcacer desmoronado, apressaram mais os estragos dos annos; até na tradição popular, por costume tão fiel á gloria, se lhe perdeu a lembrança. Nem então nem depois o alaude mouro ou a harpa christã recordaram ao viajante os cercos e batalhas que o combateram, os festejos que o alegraram, os amores e pezares que alli choraram.

Antes das scenas, que n'elle se vão passar, o castello de Santa Olaia, levantado do chão pelo primeiro rei portuguez, cresceu novas torres e ameias em alicerce robusto, e no alto da penha escavada campeou ainda bastantes annos o pendão real, terror e castigo do arabe.

A historia da repentina destruição, recordada ao cisterciense por D. Martin, já n'aquella epocha era a lenda maravilhosa da credulidade popular. O temor, que incutia a narração d'este successo tragico, apertava o coração dos fracos e até o dos animosos. Qual dos cavalleiros de Affonso Henriques, sem a pallidez do susto, atravessaria, depois do pôr do sol, as ruinas do velho alcacer? Assim mesmo bem poucos, a horas criticas, iriam arrostar as almas penadas, as visões diabolicas; que o vexavam.

Apenas se acabou de reedificar, os espectros — tão cortezes foram! — cederam aos vivos o passo novo, tomando só posse do que se ficou chamando a torre maldicta. Da primitiva construcção era a unica ainda inteira e conservada. As abobadas subiam em tres espaçosos andares, rasgados de esguias frestas. Os lanços de ameias rodeavam-nos até fecharem nos eirados aonde morriam as escadas espiraes, que se torciam pelo interior. De nada se tinham esquecido os fundadores para tornar inacessivel aos homens e ao tempo o seu ninho d'aguas, sobranceiro na corôa do monte aos cabeços pittorescos dos horisontes que o emolduravam.

Que singulares historias não contava o povo sobre aquella torre maldicta! Fóra de horas, dizia-se, na ermida levantam-se as campas, os ossos desfeitos em pó vestem passadas fórmas, e todos os annos, vespereando não a noite, na sala velha, espuma o vinho nas taças, tangem-se harpas, e, ao clarão de mil-lhes luzes, convivas, mortos depois d'um seculo, vem assentarse a mesa do banquete infernal.

Entretanto, no anno de 1211, e na tarde em que estavam a torre maldicta perden os privilegios. Os espiritos satãnicos foram perturbados pela repentina entrada de hospedes mortaes no seu asylo. Nos

eirados, no mais alto, appareceram dois cavalleiro e um monge de Cister, fallaram momentos apontando para o lado de Coimbra, e desceram logo á sala d'armas, aonde aqui e acolá se viam dependuradas grevas, cervilheiras, e arnezes de malha já sem brilho.

A conversação que iam continuando animou-se entre elles mal chegaram lá. Os homens d'armas, que passeavam perto, com as ascumas ao hombro, ouviram distinctamente palavras inteiras, que vibradas no calor d'altercação retiniam longe.

— « Não o digo por mim, reverendo nono; escreveram-no nossos avós no Foro Velho de Castella — no livro da nobreza goda. Este, ao menos, é tão nosso como é de seu filho, e está na cabeça de seu neto a corôa d'Affonso Henriques... E mais compramos-lh'a nós; aqui, ás lançadas com os mouros; além, na fronteira, a golpes d'acha com o rei de Leão — pagou-a o corpo de meu pai, e o de todos os cavalleiros, que lh'a cingimos. Custou cara esta corôa de Portugal; e Deus sabe o que ainda custará! Mas a ponta das lanças tambem firmámos nos pannos dos muros os privilegios de ricos-homens. Não lhe toquem se não querem partir o braço ao rei! Não se façam esquecidos com elles, olhem que os lembram demais! »

— « A ermida está armada? » perguntava no profundo vão de uma fresta o outro cavalleiro a um homem d'armas, cuberto da loriga de couro crú.

— « Como vós di-sestes. »

— « A tumba? »

— « Aonde mandastes — no meio. »

— « E na casa por cima? »

— « Tudo prompto. Só falta... »

— « Não falta, ha de vir. Tres repiques na sineta; ao terceiro » — fallou-lhe ao ouvido — « ao terceiro, entendeste! »

— « Ficai descansado » — replicou o outro com ar feroz.

— « Bem; volta agora. Espera!... mas não, não; eu pouco tardarei. »

— « A justiça quem a nega? — dizia entretanto o monge depois de algum silencio ao primeiro cavalleiro — nem elrei nem a sua curia sabem ainda... »

— « Não querem, que é o peor de tudo. » — Atalhou o cavalleiro que tinha fallado com o homem d'armas. — « Contem isso a outros, não a Martin Paes! Ah, elles não sabem! A cabeça dos traidores os avisará do alto das nossas torres. Não veem? Que lhes abra os olhos o fogo dos castellos. Não ouvem? Tambem não importa! Accorda-os-ha o cutello, cahindo no cepo cuberto de lucto... Os ricos-homens de Portugal não são manadas de villões que se levem ás varas... »

— « Bem se vê que morreu Sancho I! » replicou o frade amargamente. — « O leão velho está na cova, por isso todos fallam. As garras do moço ainda não mettem medo; tempo virá!... »

— « Que venha. Amole as unhas o leão novo na armadura dos cavalleiros da sua casa... »

— « Cuidado! primeiro não as experimente elle na orgulhosa serpe de Lanhoso!... »

— « A orgulhosa serpe de Lanhoso, padre, está muito alta para lhe chegar assim. Meu pai deixou no armazem setas e azevans para os solarengos, uma lança e uma espada na sala d'armas. Não se entra lá senão quando o senhor quer, e porque elle quer... Aquillo não são as cubas que Sancho I arrebentou ao sancto homem de Lourenço Fernandes. »

— « D. Martin, não vos fieis na soberba! Vendo adormecer os reis de Israel debaixo da purpura quem havia de dizer que o sol seguinte allumiaria o seu caminho para o captiveiro? »

— «Uma cova, sete palmos de terra benta, e quebrou-se o captiveiro mais rigoroso . . . »

— «E o inferno?»

— «Não ha peor inferno, padre, que a infamia! todas as aguas do mar não a lavam; a morte, nem essa a desvanece. O corpo come-o a terra, os ossos fazem-se em pó, e a infamia dura eterna sobre a sepultura! . . . a quem a soffrer callado, com a espada quieta, ainda em cima agoutam-lhe a cara com a lanha, e hão de rir-se d'elle como d'um pobre de Christo . . . por Deus! Não se hão de rir de mim. Aqui ficou um punhal, que é bastante para Martim Paes não servir d'escarneo ao vulgo . . . »

— «Escuta. Já te não lembram o cuidado com que te criei, ó amor com que te estremeci desde pequeno? Amou-te ninguem, ia a dizer — mais! . . . tanto como eu?»

— «E quando me esqueci?»

— «Bem sei; vê lá: — não me doerá como minha propria a tua affronta?»

— «E fallais de perdão, reverendo nono! . . . »

— «E fallo, e peço-t'o em nome de Deus, pela alma dos parentes a que mais quizeste, por tua irmã, o doce prazer do teu coração! . . . Filho, acima da affronta ha outra coisa maior — a honra, a fé de cavalleiro. Se fosse vivo teu pai, fallava te pela minha barba; dizia-te: Martim Paes, é uma acção vil; é o despique traigoeiro da mulher fraca . . . depois de feita, o nome de «Ribeira» fica um nome deshonorado, e teus avós deixaram-to limpo e puro! Como elles coram na sepultura, se podessem vêr, se podessem ouvir o mundo, apontar-te ao dedo, e dizer: «Olha Martim Paes, quem o diria, o filho d'aquelle pai! Como se não achou com valor de morrer com uma langada de cavalleiro fez-se carrasco!» Vês que vergonha, que desprezo, D. Martim!»

— «Frade, não tentes a paciencia do homem» — exclamou o mancebo, que de um lado para outro corria a sala, accessas no rosto as rixas côres da raiva.

— «Não me pegas impossiveis.»

— «E quem t'os pede? Não te estou dizendo que depois te ha de amargar? Eu mesmo, juro-te pelo cordeiro divino, que desce immaculado a estas mãos indignas, o mais pequeno dos villões que fosse, por todos os thesouros do mundo não quereria viver n'esta terra, e Deus sabe se a amo! com a affronta do nome de Martim Paes.»

— «Frade, peae que te não ouça isto duas vezes.»

— «Podes tambem matar-me a mim, filho de Paio Moniz de Berredo; não te prendas. — Um anno mais cedo? A viagem sempre se ha de fazer por fim! Mas olha que te hão de chamar na cara vilão e covarde, e tu ouvil-ts callado! Que remedio! Não foi para isto que eu criei de menino o filho d'aquelle pai!

— «Frade, deixa-te de vaidades mundanas. Que fallas ahí de brios de cavalleiro, tu, que não levantas uma haste d'estas, por ahí encostadas aos lancheiros?»

Nos olhos do monge um instante accendeu o orgulho o fogo de uma indignação severa.

— «Mancebo, é cuspir nas faces do homem morto. Que vilania, dizer a quem falleceu e se amortalhou: Ergue-te. És um covarde! Tempo houve em que só dois pulsos feriam mais riço; o d'aquelle rei que Deus levou, e o de Lourenço Viegas, o espadeiro. — Coração nenhum tinha que invejar ao outro. Era isto ha muitos annos, é verdade — loucuras de velhos! O que somos nos ao pé d'estes cavalleiros moços, que ajoelham diante dos inimigos, e os matam pelas costas?»

E pegando na mais grossa lança o monge meneou-a ligeira como um vime. Depois, retrahindo o corpo,

sacudiu-a de arremesso contra um escudo d'ago, donde, gemendo som cavo, vibrou cravado o ferro mais de duas pollegadas.

— «Este brago, se quizesse, D. Martim, ainda podia jogar duas langadas . . . aos mouros: acrescenta serenamente.

— «Por minha alma! . . . valente golpe: sacudiu o cavalleiro idoso.

— «Não é nada já; lembranças de velho que ainda se quer fazer rapaz?» retrucou sorrindo com ironia.

A côr do pejo subiu ás faces de D. Martim. A lição involuntariamente o obrigou a pôr os olhos no chão. Seguiu-se longa pausa. Os lábios, brancos de raiva, do mancebo, repuxados n'um rir e impulso, tremiam como as urzes no monte bravo diante das rajadas do norte. E que lá dentro ia uma tempestade, que reluzia na vista, e no fogo das faces.

O frade, pousando-lhe a mão no hombro, cortou-lhe as reflexões em que estava abysmado, fallando em tom insinuante:

— «Ora vamos, Martim Paes — é ser homem! . . . Ouve o meu conselho, deixa-te d'essa ma tenção. Vai deitar-te aos pés d'elrei, pedir-lhe justiça — hade fazer-t'a; diz-me o coração que t'afara como ainda se não viu em Portugal.»

— «Justiça d'elrei!» — acudiu o mancebo com ira, e cerrando o punho; — «esperem por ella, que morrem de velhos! É cega e cõxa. A nossa anda melhor: — Sangue por viltá! Pode-nos depois quebrar a espada pela empunhadura, ou quejmar-nos, como feras, nos castellos — ficamos pagos! Não é assim D. Nuno!»

— «É o que sempre disse. Alli, a duas passadas, temos Castella. Quem não couber aqui . . . ainda um cavallo me póde levar lá. Estou velho; será a minha ultima corrida.»

D. Martim apertou-lhe a mão, exclamando:

— «Até que em fim encontrei um homem, D. Nuno!»

— «Um louco» murmurou o monge.

O mancebo, olhando depois para as paredes nuas da sala, meditou tristemente alguns momentos, late-lhe carregando o semblante. — «Como estes muros estão negros, e ainda tintos do sangue da orgulhosa familia do Douro. Alegra-te, D. Inigo. Antes de romper o sol dormirá o mais novo da sua raça ao lado dos que além descangam! — e apontando para a porta da ermida: — «Quando entrares por ahí, Gomes Lourenço, não te dirá o coração que esta noite será a ultima?»

— «Não blasphemés» — atalhou o frade com imperio. — «Não acordes á vingança os mortos que repousam.»

— «Vingança de que, e por quem?»

— «Chamaste por Inigo Lopes, e não sabes que nas veias de Gomes Lourenço corre o sangue d'elle? N'estas pedras ha o sello de Caim. Cavalleiro de Lanhoso, estas ruínas contam uma historia, capaz de fazer tremer o proprio inferno.»

— «Sabeis então? . . . »

— «As desgraças que vieram d'uma só vingança? Sei de mais. O castello em que estamos era de parentes vossos. O ultimo senhor foi o conde Ordonho, descendente d'elrei Ramiro. Esse D. Inigo que acabas de convidar, era tio do mogo Ansur, viuvo aos dezotto annos; do unico filho d'esse vem a raça de Gomes Lourenço. . . Desafiaste o inferno: guarde-te Deus que elle te levante a luva.»

— «Vivo ou morto póde vir quando quizer. Um anno e um dia com braçaes e cotta, a pé ou a cavallo, juro defender o que hoje fago.»

— „Jesus!” exclamou o frade, mais branco que o pilar de pedra a que se encostava.

Ou fosse acaso ou mysterio, o guante ferrado d'uma armadura negra desprendeuse e bateu nas lageas aos pés de D. Martim. O cavalleiro enfiou; mas encubriendo ergueu do chão a manopla. No canhão em lettras douradas lia-se o terrivel nome de Inigo Lopes!

Um instante ficou contrafeito e pallido; depois com apparencia tranquilla, virando-se para o frade, disse-lhe:

— „Em quanto esperamos, por que nos não contaes a historia d'este castello?”

— „Oxalá que aproveite!”

— „Como este odio nasceu velho!” murmurava consigo D. Martim.

O monge assentou-se então; D. Nuno á sua esquerda, e D. Martim á direita ouviam em silencio. Posta na linguagem de hoje a historia dizia assim —

(Continúa.)



Gomes Freire

UMA das mais interessantes biographias, até agora por escrever, é a de Gomes Freire de Andrade, soldado e escriptor distincto, tão celebre pelos seus feitos gloriosos, quão digno de lastima pelo seu fim desastroso. Ha quasi trinta annos que o vento lhe dispersou as cinzas: hoje que o odio dos partidos d'então deve de estar adormecido, é um acto de justiça perpetuar a memoria do guerreiro a quem até foi negada humilde sepultura na terra de seus avós. Este esboço biographico não tem por fim decifrar as causas mysteriosas da catastrophe, mas a imparcial exposição de factos. Póde-se honrar o morto sem offensa dos vivos.

Nasceu Gomes Freire de Andrade em 27 de janeiro de 1759, côrte de Vienna d'Austria, onde seu pai Ambrosio Freire de Andrade e Castro era embaixador de Portugal. Descendia d'uma familia entroncada na antiquissima casa dos condes da Trava, e na dos Pereiras, Forjazes, e Bobadellas, e contava entre os seus antepassados muito varões illus-

tres, dos quizes bastará citar, pelo que toca aos mais modernos, Jacintho Freire de Andrade, penegyrista de D. João de Castro, e Gomes Freire de Andrade, que nas guerras da restauração, depois de sacudido o jugo hespanhol, obrou prodigios de valor, e pacificou os tumultos do Maranhão com prudencia rara e admiravel politica, temperada pelos dictames da humanidade.

Tres carreiras havia em Portugal para nobres: a das armas, a da magistratura, e a ecclesiastica. Gomes Freire elegu a das armas, sentou praça no regimento d'infanteria de Peniche, e em 1782 foi promovido a alferes. O mancebo brioso e valente, excitado pela memoria de seus maiores, almejava a occasião de provar o para que era. Em breve se lhe proporcionou. Carlos III, rei d'Hespanha, querendo tirar vingança da insolencia dos argelinos, resolveu o bombardeamento do refugio d'estes piratas infestos á christandade, a quem potencias poderosas não se pejavam de pagar infame tributo pela alta mercê de lhes não

captivaram os seus subditos o tempo que fosse do agrado dos deys d'Argel. Sob o mando supremo do tenente general da armada hespanhola, D. Antonio Barceló, já experimentado em taes empresas, se junctou no porto de Carthagená uma armada composta de vasos hespanhoes, napolitanos e maltezas, fazendo ao todo cento e vinte e tres embarcações, em que entravam sete náus de linha e nove fragatas, afóra as náus Sancto Antonio e Bom Successo, e as fragatas Golfinho e Tritão, com que Portugal contribuiu. A nossa frota, em que Gomes Freire foi servindo como official de marinha, commandada pelo coronel do mar Bernardo Ramires Esquivel, largou do Tejo aos 19 de junho de 1784, e na tarde de 22 ancorou na bahia de Cadiz. Na manhã seguinte, tendo mettido pratico a bordo, tornou a fazer-se á vela. Na noite de 23 embocou o Estreito, passou por Gibraltar ás doze horas, e seguiu o rumo de Carthagená. A calmaria que lhe sobreveio, e a inconstancia e variedade do vento lhe atrazaram a viagem até o principio de julho, de modo que, tendo já sahido a armada combinada para Argel, a nossa dirigiu a derrota para este porto, onde chegou no dia 12 pelas seis horas da tarde. N'este dia deu D. Antonio Barceló o primeiro ataque, o qual durou desde as oito até ás dez horas e vinte minutos da manhã, ateando em parte da cidade um incendio que não puderam apagar até as quatro horas da tarde, e fazendo voar quatro lanchas inimigas. O vento, empolando os mares, suspendeu as hostilidades até o dia 15, e n'este meio tempo repararam os argelinos as ruinas do forte de Babasan, resultantes do ataque do dia 12. No segundo ataque romperam elles, ás seis horas e sete minutos, o fogo de sessenta e nove lanchas, que, affastadas meio tiro de canhão das suas fortificações, occuparam o espaço entre o forte de Babasan e o de Betel. As lanchas artilhadas da armada sahiram-lhe ao encontro e sustentaram o fogo sem interrupção, até que, consumidas as munições, se retiraram apoiadas pelo dos navios. O vento do levante, dissipando o fumo, deixou vér demolidos os merlões da bateria do Escolho. As embarcações portuguezas, favorecidas da aragem, com presteza se metteram em linha a leste da esquadra, para rechagarem as lanchas argelinas, toda a vez que chegassem ao alcance da sua artilheria, acossando as nossas na retirada. Oito vezes se repetiram os ataques, em que Gomes Freire deu decisivas provas de valor expondo-se a peito descoberto á chuva de ballas disparadas pelas fortalezas, e embarcações miudas de Argel. No quarto accommettimento haviam sido mettidas a pique as faluas dos dois generaes inimigos: tão renhido foi elle.

Estavam já destruidas a maior parte das lanchas argelinas, havia ardido a bateria do Escolho, e o fogo reduzira a cinzas muitas casas da cidade; e por isso D. Antonio Barceló convocou os generaes e commandantes dos navios a conselho no dia 21 de julho de 1784 para deliberar se era conveniente continuar as hostilidades, apesar do risco imminente de saltar um vento contrario, que poria a esquadra em grande aperto. Decidiram unanimes que a empresa se devia dar por concluida, e a esquadra partiu da bahia de Argel no dia 23, e no dia 27 entrou em Carthagená, depois de ter dado uma boa lição aos argelinos, contra os quaes gastou sete mil e tantas bombas e granadas, e mais de doze mil ballas, além da metralha.

A nossa esquadra saiu de Carthagená a 9 d'agosto, andou a corso por alguns dias sobre as costas d'Africa para leste de Argel, repassou o Estreito na noite de 26, aportou em Cadiz no dia seguinte, e recolheu-se a Lisboa aos 19 de setembro. Gomes Freire, que em 8 de março de 1787 passara a tenente do mar da

armada raal, ou porque a vida maritima lhe desagradasse, quando desacompanhada dos perigos da guerra, ou porque servindo no exercito de terra se lhe antolhasse augmento mais rapido, voltou para o regimento de Peniche, em 30 d'abril de 1788, com o posto de sargento-mór.

Catharina II, imperatriz da Russia, havia tentado sublevar varias provincias do imperio ottomano, e com especialidade a Grecia, em nome da independencia e da liberdade, a que se mostrava affeição nas cartas a Voltaire, mas que proscrescia nos seus estados. A guerra que por este motivo accendêra puzera termo, em 1774, o tractado assignado em Kustchouc-Kainardgy, depois de larga contenda terminada com immensa vantagem dos russos, que haviam queimado a esquadra turca no porto de Thebesme: e por meio de novas aquisições de portos de mar e da independencia dos khans da Criméa, reconhecida no mesmo tractado com o fim occulto de os sujeitar á vontade do gabinete de S. Petersburgo, ficavam abertas as portas a futuras invasões no territorio turco. A czarina, com os olhos sempre fitos em Constantinopola, pretendia enectar a conquista de todo o imperio ottomano, apoderando-se da Criméa. N'uma conferencia que teve em 1780 com José II, imperador d'Allemanha, ajustaram que elle o ajudaria a assenhorear-se da Baviera, sob a condição de ser auxiliada pelo imperador na guerra contra os turcos, ficando ella com o melhor quinhão dos seus despojos, e de restituirem ambos de commum accordo a independencia as republicas gregas. Reduzida esta convenção a tractado no anno seguinte, tractou Catharina de consummar a usurpação da Criméa. Devlet Gherai, khan dos tartaros, era muito affecto á Porta: a ambiciosa e astuta Catharina, recorrendo a peitas, enredos, e violencia, obrigou-o a fugir, e invocada a independencia dos tartaros, fez que elegessem para seu khan a Sahim Gherai, cuja servil obediencia ao governo russo excitou contra elle o desprezo e até a raiva dos seus subditos, os quaes, morta a guarda russiana, que o escoltava, elegeram Selim Gherai. Catharina aproveitou logo o pretexto, invadiu a Criméa, venceu os tartaros, restabeleceu Sahim, e extorquiu á Porta um tractado addicional ao de Kainardgy com o reconhecimento formal do khan seu patrocinado. Sahim, desprezível aos olhos do seu povo pelas distincções e honras que a Russia lhe concedêra, tornou-se-lhe cada vez mais insupportavel. Acabavam os russos de o ajadar a comprimir a revolta de Batti-Gherai, um dos seus irmãos: suggeriam-lhe que exigisse da Porta a cessão de Oczakof, importantissima praça de guerra situada na Bessarabia, onde confluem os rios Bog e Dnieper, antes de desaguarem no Mar Negro, e por isso disputada, com grande mortandade, pelos russos e turcos, desde que os tartaros a perderam. O incauto Sahim-Gherai obedeceu, e para desaggravar-se d'um acto de crueldade commetido contra um dos seus emissarios pelo pachá da ilha de Taman, abriu passagem pelos seus estados aos protectores russos, que, depois de o violentarem a jurar fidelidade á czarina, e a ceder-lhe a soberania em troca d'uma pensão de oitocentos mil rublos, que lhe não pagaram, o mandaram desterrado para Kaluga, e por fim entregaram-no aos turcos, pelos quaes foi decapitado em Rhodes, sem lhe valerem os esforços do consul de França para o salvar. Trinta mil tartaros, suspeitos de conspirarem para dar a liberdade á sua patria, receberam a morte por ordem de Paulo Potemkin, sem commiseração para com o sexo ou idade. As tropas de Catharina devastaram a Tartaria, e como é natural herdaram os verdugos os despojos dos suppliciados. A czarina, proclamando que

estes povos, não menos ingratos que os polacos, haviam trabalhado por aluir o edificio erecto pelos seus beneficos cuidados para felicita-los, declarou que, em virtude do ultimo tractado, reunia á Russia a península da Criméa, com a ilha de Taman, e todo o Kuban, afim de pôr termo a tantos desastres, e como justa indemnisação de perdas e despezas.

A Porta abaixou-se a sancionar tambem estas usurpações: porém Catharina aspirava a nada menos que a erguer um throno sobre as ruinas do imperio turco. Na famosa jornada que fizera á Tauride em 1787, a instancias de Potemkin, teve outro encontro, em Kerson, com o imperador José II, e, rasgando a mascara, fez com que por entre as nuvens de incenso que a lisonja lhe queimava, se lesse esta inscripção, escripta em caracteres gregos sobre a porta oriental: POR AQUI SE HA DE PASSAR PARA IR TER A BYZANCIO. Então o grão senhor, cansado de tragar o fel da affronta, declarou guerra á Russia; e a Bulgakow, seu enviado, encerrou-o nas Sete-Torres, onde jazeu mui largo tempo.

Catharina esperava impaciente este rompimento. A um seu aceno partiu uma frota numerosa para o Mar Negro, duas esquadras respeitaveis occuparam Cronstadt, e os exercitos de terra sob o commando supremo de Potemkin recommencaram uma guerra mais feroz que nunca, auxiliados por oitenta mil austriacos. A Porta, desamparada dos seus alliados, menos da Suecia, a mais fraca e a mais exposta de todas as potencias, nem por isso desesperou do triumpho.

Promettia esta formidavel lueta basta messe de louros. Gomes Freire, desdenhando o ocio, obteve licença em 17 de Maio de 1788 para ir militar nos exercitos da Russia, sem perder o direito aos seus soldos durante a guerra contra os turcos, e em quanto alli se demorasse. A gloria convidava-o a illustrar-se diante dos muros de Oczakof: obedeceu ao chamamento.

Continuava esta praça a zombar d'um assedio pertinaz, posto a cercasse por terra o exercito de Potemkin, e por mar uma esquadra ás ordens do contra almirante Paulo Jonnes, um dos mais audazes maritimos, tão bem descripto n'um romance d'Alexandre Dumas, o qual corre trasladado em vulgar com o titulo de *Capitão Paulo*. O capitão baxa que havia tentado fazer uma diversão, atacando no seu ancoradouro a esquadra russa á frente de outra de oitenta e seis velas, fôra desbaratado por Paulo Jonnes, que lhe tomou duas naus de linha, queimou-lhe seis, incluindo a capitania e a vice-capitania e aprisionou-lhe quatro mil homens. O almirante turco tinha saído determinado a vencer ou a morrer, e por isso se despedira da esposa como se nunca mais houvesse de a tornar a vêr, e dera a liberdade a todos os seus escravos: mas algumas das embarcações da sua esquadra começaram a fugir vilmente, depois de quatro horas de combate, apesar de sobre ellas fazer fogo o baxa, que se viu constrangido a refugiar-se com o resto de resto das baterias de Oczakof.

Estes e outros revezes não quebraram o animo de Hadgi Ismael, governador da praça, o qual, a despeito do mau resultado das sortidas, e dos incendios repetidos que as bombas e ballas ardentes causavam nas casas, não cessou de fulminar os sitiantes por trezentas e dez bocas de fogo, até que, chegado o dia 13 d'outubro, em razão da perda das obras exteriores, e do fogo mortifero das mais proximas baterias, só pôde trazar a artilheria dos baluartes interiores.

Os frios incomportaveis do mez de dezembro iam estando a desesperação nos corações dos oppugnadores. Não podendo antever quando teriam fim estes duros trabalhos d'uma guerra sem fructo, começaram a murmurar contra a inação que os condemnava a

morrer gelados nas barracas, quando podiam na conquista d'aquella fortaleza achar ampla retribuição da aturada fadiga, por haver alli grandes riquezas de alfaias, armas, prata, ouro, perolas e dinheiro. O general em chefe aproveitou a favoravel disposição das tropas; fez reduplicar o fogo da artilheria na noite de 16 para 17, e tendo conseguido desmontar a que os cercados tinham nos redentes da trincheira, no bastião da fortaleza, e na cortina do flanco do lado esquerdo, e visto voar, com medonho estampido, o armazem da polvora do inimigo, que uma bomba incendiara, ordenou o assalto geral no dia 17. As sete horas da manhã, sob uma abobada de fogo e por cima d'um pavimento de gelo resvaladigo, quatorze mil homens, repartidos em seis columnas, investem a praça por todos os lados; rompem os machados as portas do forte de Hassan Baxá; correm rios de sangue; e Gomes Freire, á frente do seu batalhão, atira-se á brecha, e é dos primeiros que entram na praça, onde, abattido o estandarte do crescente, faz tremular as aguias moscovitas soltas ao vento da victoria.

Oczakof, a tão cubigada praça de Criméa, Oczakof, ao pé de cujos soberbos muros tinham vindo cair vinte mil russos, é tomada a ponta da bayoneta em menos de duas horas, sem lhe valer a resistencia desesperada de doze mil musulmanos, a maior parte dos quaes acabaram com as armas na mão ou foram barbaramente mortos a sangue frio nas casas e nas chogas; e, se não ha exaggeração n'um dos mais modernos e mais minuciosos historiadores da Russia, a mortandade dos soldados, homens do povo, mulheres e crianças subiu a vinte e cinco mil pessoas.

(Continúa.)

AGUA PARA DAR NAS OBRAS FOLHEADAS, ANTES DE AS PASSAR A PEDRA-POMES.

Todos os marceneiros e amadores d'este genero de trabalho sabem que o oleo, dado nas obras folheadas, escurece ás vezes muito a madeira: o que se evita usando-se da agua seguinte. — Tome-se: Gomma arabica em pó duas e meia onças, Cremor tartaro uma onça, Sal commum uma onça. — Desfaça-se tudo em meia canada d'agua. — Dá-se uma demão d'esta agua com um trapo por cima do folheado, deixa-se seccar, e depois passa-se a obra com esta agua a pedra-pomes, ou usa-se do oleo, sem o perigo d'elle entrar muito pela madeira.

Subscreve-se para este Jornal na Typographia onde é impresso: na loja da Viuva Henriques, Rua Augusta n.º 1; e na de Zeserino, Rua dos Capellistas n.º 32 B. — Á mesma Typographia se poderão dirigir, porte franco, os senhores que residirem nas Provincias, remettendo em cautela do seguro a importancia de suas assignaturas, em quanto se não annunciam os nomes e moradas dos Correspondentes nas terras principaes. Da mesma maneira se recebe a correspondencia puramente litteraria, que será restituída quando não seja adaptada á indole do Jornal.

Preço da assignatura annual ou 52 N.ºs 1 \$200
Dito por semestre ou 26 N.ºs \$040
N.º avulso \$030

*No fim do anno se publicará um indice al-
phabetico, com o rosto para o volume.*